

## 2

### **A Afetividade e o desenvolvimento típico da capacidade simbólica**

Este capítulo refere-se à discussão sobre a importância da afetividade para o desenvolvimento da capacidade simbólica humana, em uma perspectiva social. A respeito do desenvolvimento da linguagem nos seres humanos deve-se levar em consideração três aspectos que se complementam. O primeiro deles é a capacidade inata do bebê humano de se conectar social e emocionalmente aos outros. O segundo, se refere às interações sociais que decorrem justamente desta capacidade de conexão sócio-afetiva inata. É sobre esta base que a capacidade simbólica se desenvolve no bebê humano. Ocorre que desde o nascimento até os 9 meses de vida, o bebê humano constitui-se a partir das relações diádicas nas quais participa ativamente com a mãe<sup>1</sup>. É a fase da intersubjetividade primária. Este bebê se desenvolve a partir de uma comunicação afetiva com a sua mãe. Ele é socialmente percebido a partir da qualidade do olhar e das experiências subjetivas da mãe ao estar conectada intersubjetivamente com ele. A mãe atribui qualidades de sentimentos aos diferentes comportamentos manifestados pelo bebê. O terceiro aspecto envolve a fase da intersubjetividade secundária que tem início por volta dos 9 meses de vida. O bebê se interessa mais ativamente pelos objetos que o cercam e uma nova forma de comunicação entre o bebê, a mãe e os objetos é estabelecida. Prevalece a comunicação intencional que é amparada pelos comportamentos de atenção compartilhada típicos das relações triádicas. O bebê passa a ser observado pela mãe a partir de suas novas habilidades adquiridas. Contudo, tais habilidades pré-simbólicas só podem se desenvolver a partir de uma base primária que é afetiva.

O objetivo deste capítulo é entender como um bebê se torna um ser humano capaz de simbolizar. Acreditando que a capacidade simbólica é um processo que se constitui ao longo de uma história, a proposta é compreender como as experiências afetivas das duas fases do desenvolvimento do bebê

---

<sup>1</sup>O termo “mãe” será utilizado para fazer referência ao cuidador primordial do bebê; pessoa que exerce algumas tarefas ao cuidar do bebê.

brevemente descritas acima se integram. E, se o resultado desta integração é a capacidade simbólica. Em um primeiro momento, será apresentada a fase inicial do desenvolvimento do bebê, a intersubjetividade primária. A partir dos estudos de Stern (1992) e Trevarthen (2001) busca-se o entendimento de como a comunicação afetiva contribui para a formação do símbolo. Em seguida, serão apresentadas as visões de Tomasello (2003) e Bates (1976, 1979) a respeito da comunicação intencional. E, por último, serão apresentadas as contribuições de Hobson (2002) sobre a importância dos aspectos afetivos para o desenvolvimento da comunicação intencional.

## 2.1

### **Comunicação afetiva na intersubjetividade primária**

A partir das interações sociais naturais que ocorrem entre a mãe e o bebê percebe-se a capacidade inata de conexão emocional dos seres humanos. Esta capacidade inata é denominada por Trevarthen (2001) de intersubjetividade primária. Isto significa dizer que o bebê humano nasce com a capacidade de perceber e ser responsivo aos sentimentos e estados subjetivos dos outros seres humanos. A evidência chave desta capacidade é a mímica neonatal. No desenvolvimento típico, a intersubjetividade primária é caracterizada pela comunicação afetiva comum às interações diádicas. Durante essas interações ocorrem trocas de experiências e emoções entre a mãe e o bebê que tem entre 0 e 9 meses de vida.

A princípio, as evidências da comunicação afetiva na intersubjetividade primária podem ser observadas através dos comportamentos desempenhados pela mãe com o objetivo de satisfazer as necessidades fisiológicas imediatas do bebê (Stern, 1992). A maioria das interações sócio-afetivas ocorre para regular os ciclos de alimentação, sono e vigília e, outras atividades da rotina do bebê. Se ele sente fome ou sono, prazer ou desconforto, alegria ou excitação, a mãe o embala, o acalma, o tranquiliza, conversa com ele, canta e faz sons e caretas. Os bebês respondem através de um olhar fixo ou desviam o contato ocular, viram a cabeça, choram, sorriem, buscam ou evitam o contato físico.

Essas unidades de comportamentos do bebê e da mãe ocorrem em uma seqüência de ações. Há, portanto, um agrupamento dos comportamentos que são significados pela mãe de acordo com seus encadeamentos e em um determinado contexto. Por exemplo, se o bebê chora de uma determinada maneira a mãe significa que esse choro é de fome. A forma como a mãe segura esse bebê no colo, o timbre e a melodia da voz ao falar com ele, todos esses comportamentos da mãe são percebidos pelo bebê como a hora de mamar. Neste caso, a repetição de uma série de ações sócio-afetivas caracteriza a situação de alimentação. Os significados atribuídos pela mãe às diferentes situações irão depender da seqüência na qual ocorrem os comportamentos. A partir desta regulação do sistema fisiológico percebe-se a responsividade precoce dos bebês ao seu ambiente social e, o início de uma comunicação afetiva que serve como base para o desenvolvimento da capacidade simbólica.

Mais tarde, por volta dos dois meses de idade, as trocas sócio-afetivas entre a mãe e o bebê ocorrem quando ambos participam mais ativamente das protoconversas peculiares das interações e brincadeiras face-a-face. Mãe e bebê concentram um no outro a atenção e, as interações face-a-face demonstram uma comunicação primária pré-verbal altamente expressiva. As protoconversas são reguladas por trocas harmoniosas de olhar, tocar e vocalizar de modo que as emoções são expressas e compartilhadas. As expressões dessa comunicação afetiva precoce são observadas através do olhar do bebê em direção ao olhar e a boca da mãe enquanto escuta a sua voz. A criança reage com movimentos expressivos de face, mãos ou vocalizações numa coordenação rítmica com a fala do outro.

Uma análise de filmagens das protoconversas revelou achados surpreendentes quanto às similaridades do tempo, da forma e da intensidade das expressões das ações dos parceiros da díade (Trevarthen, 2001). Na ação conjunta das protoconversas as expressões emocionais da mãe e do bebê são reguladas mutuamente. A criança é sensível e se adapta às expressões do sentimento do seu parceiro e, suas respostas são contingentes a essas expressões. Existe uma relação temporal próxima e dependente entre o comportamento do bebê e a resposta da mãe. Os comportamentos de um parceiro em resposta ao comportamento do outro são chamados de ações contingentes. A ação contingente demonstra o papel

fundamental das emoções para a regulação das relações intersubjetivas. A adaptação das expressões comunicativas de acordo com a coordenação do tempo, da forma e da intensidade dos comportamentos demonstra que os parceiros são recíprocos às ações do outro. Por perceber que o comportamento da mãe é recíproco ao seu, o bebê antecipa a ação da mãe. Esta sintonia possibilita que cada parceiro guie suas ações de tal forma a caracterizar as protoconversas como uma comunicação sincrônica e rítmica das emoções (Beebe, Sorter, Rustin & Knoblauch, 2003).

Os comportamentos indicativos dos estados emocionais do bebê, estando ele numa conexão intersubjetiva com a mãe, incluem movimentos expressivos dos olhos, da face, da boca, do aparato vocal, das mãos e da postura corporal. No entanto, a expressão da comunicação emocional do bebê só acontece se a mãe estiver adequadamente receptiva. A conduta expressiva materna se adapta às condições de percepção do bebê. Os comportamentos da mãe são revelados pela repetição de grupos rítmicos de movimentos, pela expressão exagerada de formas emocionais e, pela modulação precisa da intensidade das expressões. Esses comportamentos incluem saltos rápidos e sutis do tom e do volume da voz, intensificação de sílabas, detalhes rítmicos, movimento das sobrancelhas, gestos manuais rápidos, movimentos velozes de cabeça, trocas de olhar.

Os comportamentos sócio-afetivos da mãe, eliciados pelo bebê, são exagerados e repetitivos. A mãe fala com uma entonação de voz mais elevada, velocidade diminuída e tem expressões faciais exageradas. Todo esse comportamento é inteiramente observado pelo bebê. Para Stern (1992), o uso de comportamentos exagerados da mãe ajuda a regular o nível de estimulação e excitação do bebê em um nível tolerável. Cada bebê tem um nível ótimo de excitação prazerosa. Se a estimulação da mãe excede o nível de excitação do bebê a experiência para ele passa a ser desprazerosa. Por sua vez, o bebê é capaz de regular o nível de excitação quando, por exemplo, evita o contato ocular com a mãe como um sinal de que a estimulação está sendo desagradável e o diálogo social é então finalizado.

As interações sociais na fase da intersubjetividade primária envolvem principalmente a regulação do afeto e da excitação. As brincadeiras face-a-face são umas das principais formas de conexão intersubjetiva nas quais ocorrem as

maiores oscilações emocionais da vida social (Stern, 1992). Logo, a mãe deve se comportar como uma base e de uma maneira altamente expressiva para que possa absorver a atenção do bebê. Assim é possível controlar as trocas de turnos que são reguladas mutuamente. Então, o bebê percebe a intenção comunicativa do adulto, o que lhe serve como motivação para o desenvolvimento da capacidade simbólica.

A comunicação afetiva típica da intersubjetividade primária possibilita a compreensão de que a capacidade simbólica não pode ser entendida unicamente como uma competência lingüística. As protoconversações são inicialmente pré-verbais e acontecem porque há uma capacidade emocional inata. Esta capacidade natural dos seres humanos estabelece a formação de laços emocionais e conduz à aprendizagem da capacidade simbólica. Stern (1992) utiliza o termo interafetividade ou sintonia afetiva como uma forma específica de intersubjetividade. A sintonia afetiva é o modo primário, mais difundido e mais importante de compartilhar as experiências subjetivas. Os afetos são o meio e o assunto principal da comunicação. Até mesmo mais tarde no desenvolvimento, a partir dos 9 meses, quando o bebê começa a compartilhar intenções com relação a objetos e trocar informações de forma pré-simbólica, a sintonia afetiva é a maneira predominante na comunicação entre o bebê e a mãe.

## 2.2

### **Comunicação intencional na intersubjetividade secundária**

Por volta da metade do primeiro ano de vida, o bebê que interage ativamente nas protoconversas com a mãe, aumenta seu interesse por jogos e brincadeiras com objetos. Somente aos 9-12 meses de idade, ele começa a coordenar suas interações com a mãe e os objetos. Este é o início da segunda fase do desenvolvimento, a intersubjetividade secundária (Trevarthen, 2001). Ela é caracterizada pelas interações triádicas nas quais o bebê e a mãe compartilham o interesse, a atenção e o afeto por um objeto ou evento. O salto no desenvolvimento é grandioso na medida em que o bebê começa a sinalizar, utilizar gestos para se referir aos objetos, usar palavras, tudo isso com a intenção de se comunicar. Uma série de comportamentos de atenção conjunta caracteriza esse complexo de habilidades e interações sociais. O bebê sintoniza com a atenção

e com os comportamentos dos adultos em relação a objetos e eventos. Por exemplo, ele começa a olhar para onde o adulto está olhando, se envolve com os adultos em brincadeiras sociais mediadas por um objeto, age com os objetos da mesma forma que os adultos agiram anteriormente. A partir dos 9 meses, a capacidade de intencionalidade entendida como a coordenação entre meios e fins começa a se desenvolver rumo ao surgimento da capacidade simbólica (Bates, 1976, 1979; Tomasello, 2003).

As evidências do início da comunicação intencional e da capacidade de intencionalidade são percebidas através dos comportamentos comunicativos pré-simbólicos expressados pelo bebê nas cenas de atenção conjunta (Tomasello, 2003). A criança olha as outras pessoas ao seu redor e aprende a alternar o olhar entre elas e os objetos para se certificar de que alguém está atento ao seu foco de atenção. Neste processo ocorre a coordenação da conexão intersubjetiva. O olhar constituiu um papel importante na regulação das interações sociais, pois sinaliza a atenção, o afeto e o interesse social no parceiro. O bebê segue ou dirige o foco de atenção e o comportamento dos adultos para objetos através de gestos como apontar para um objeto ou segurá-lo para mostrá-lo a alguém. A expressão dos gestos comunicativos demonstra que a criança tenta fazer com que o adulto fique sintonizado com a sua atenção. Assim, o bebê segue o apontar ou segue a direção do olhar do adulto e depois olha de volta para o adulto, se certificando de que atingiu o mesmo alvo de interesse. Quando o bebê dirige a atenção e o comportamento dos outros, os gestos podem ter duas funções distintas. A função imperativa que ocorre quando a criança dirige o comportamento do adulto através do olhar ou do apontar para conseguir o objeto/ objetivo desejado. E, a função declarativa na qual o bebê simplesmente quer fazer com que o adulto preste atenção a algum objeto ou evento do seu interesse. Então, ele aponta para o objeto, olha alternadamente para o adulto e, espera que ele preste atenção no seu foco de atenção.

A habilidade para compartilhar as intenções se refere à capacidade de sinalizar ou direcionar o comportamento dos outros com a finalidade de alcançar objetivos específicos. Por volta dos 9-10 meses de idade, a criança começa a usar os sons, gestos e outros comportamentos para comunicar uma intenção. Nessa fase bem inicial do desenvolvimento, o compartilhar a intenção envolve coordenar a

atenção conjunta e/ ou o afeto com o uso de gestos e sons para expressar as intenções para outra pessoa.

Para que a criança pequena aprenda a usar os símbolos lingüísticos é fundamental que ela participe dessas várias atividades comunicativas pré-simbólicas e das cenas de atenção conjunta. Porém, antes disso, a criança tem de ser capaz de: compreender os diferentes papéis que falante e ouvinte desempenham nas atividades de atenção conjunta, entender a intenção comunicativa específica do adulto numa determinada atividade e, ainda, ser capaz de manifestar a mesma intenção comunicativa que lhe foi expressa no fluxo das interações sociais. Desta forma, quando a criança aprende a expressar a mesma intenção comunicativa que o outro, pode-se dizer que ela compreendeu que os papéis dos participantes se invertem numa cena comunicativa. Logo, ela usa essa compreensão para aprender a reproduzir a linguagem que lhe foi transmitida, isto é, ela aprende a usar a linguagem através da imitação com inversão de papéis. Quando um adulto dirige à criança um novo símbolo comunicativo, a criança tem de se envolver na imitação com inversão de papéis. Isto demonstra claramente o processo de aprendizagem por imitação e deixa claro que a criança não só substitui o adulto no lugar de agente de ação, mas também coloca o adulto no seu lugar como alvo do ato intencional. Tomasello diz que: “... O resultado desse processo de imitação com inversão de papéis é um símbolo lingüístico: um mecanismo comunicativo entendido intersubjetivamente por ambos os lados da interação” (2003, p. 147).

Como um bebê começa a se comunicar intencionalmente a partir dos 9 meses? Considerando os aspectos comportamentais do desenvolvimento, o que acontece antes desta idade precoce que permite o desenvolvimento da comunicação intencional e mais tarde o surgimento da capacidade simbólica? De acordo com Bates (1976), a capacidade simbólica se inicia quando as ações comunicativas espontâneas, os gestos e os sinais convencionais se transformam em palavras com valor referencial. Isto é, ocorre um processo gradual da passagem das ações do bebê como sinais naturais, aos gestos como sinais convencionais ou ações intencionais, à transformação desses últimos em fala referencial ou símbolo.

O desenvolvimento começa quando as ações e vocalizações espontâneas do bebê dão início ao processo de ação-reação dos comportamentos intersubjetivos que ocorrem entre ele e a mãe. Por exemplo, o bebê chora sinalizando desconforto e a mãe o tranquiliza como resposta. Essa regulação mútua dos estados internos funciona como o começo da atribuição de significados dados pela mãe aos comportamentos de “pedido” do bebê. Em seguida, aos 2 meses de idade, ele começa a se interessar pelos objetos. Aos 4 meses, o bebê tenta se aproximar deles através de ações motoras corporais e se arrisca a alcançá-los com as mãos. Quando o bebê chega aos 6 meses, ele atinge um grau no desenvolvimento motor que lhe permite ajustar sua postura corporal e consegue estender o braço em direção ao objeto, ao mesmo tempo, vocaliza e faz movimentos de preensão com as mãos. Quando o bebê realiza a ação natural de estender o braço em direção ao objeto, a mãe atribui uma intenção ao sinal corporal do bebê, aproxima o brinquedo da sua mão e, então, ele o pega. Essa comunicação que ocorre entre a mãe e o bebê ainda não é intencional porque a ação do bebê está dirigida ao objeto e não à mãe (Bates, 1976, 1979). O gesto de estender o braço ainda é um sinal natural e, através de repetições similares, se torna uma ação ritualizada se transformando em um sinal convencional como o gesto imperativo.

Ainda em relação ao processo de transformação das ações em gestos, Clark (1978) também considera que as estruturas simbólicas da comunicação são organizadas nas ações conjuntas que ocorrem durante a interação mãe-bebê. A análise do exemplo a seguir demonstra esse processo de transição. A princípio, o bebê estende o seu braço em direção a um ursinho de pelúcia segurado pela mãe. Ela leva o urso próximo à mão do bebê que o alcança. No momento que o bebê estende o seu braço em direção ao objeto, a mãe atribui intencionalidade à sua ação e lhe entrega o urso. Esta comunicação ainda é primitiva uma vez que o bebê não teve intenção de se comunicar, ele o fez acidentalmente. Para que esta ação se transforme de fato em gesto intencional é necessário que haja a uma série de repetições e ritualizações dessas ações naturais. Além disso, o bebê observa a mãe apontando para um objeto, compreende seu objetivo comunicativo e, passa a apontar como o adulto através da imitação (Clark, 1978; Bates, 1979). No entanto, o gesto de apontar ainda não é intencional.

Para que os gestos de apontar se tornem sinais convencionais/ intencionais eles devem ser cada vez mais utilizados no repertório comunicativo entre o bebê e a mãe. Enquanto ainda não assumem um caráter intencional, os gestos são considerados ações instrumentais. Entre 6 e 9 meses, o bebê cruza a sala, empurra os objetos que vê pela frente e puxa a mão do adulto que segura um objeto do seu desejo. Neste caso, a mão do adulto é um instrumento/meio utilizado para que o bebê alcance um determinado objetivo/fim. Na medida em que esses comportamentos são usados com maior frequência para invocar a ajuda do adulto, eles se tornam mais e mais ritualizados, versões abreviadas das ações originais. O gesto de apontar imperativo está presente no desenvolvimento quando a criança o utiliza para afetar o adulto para atingir um determinado objetivo. Por exemplo, C, uma menina de 13 meses, executa uma seqüência imperativa na qual é claramente ritualizada em forma. C está sentada no chão em frente a porta da cozinha. Ela olha para a mãe e fala “ha”. A mãe se aproxima dela, C olha para a cozinha balançando seus ombros e levantando o corpo para cima. A mãe a carrega até a cozinha, C aponta para a pia. A mãe lhe dá um copo de água, C bebe. Além do apontar, o olhar do bebê em direção à mãe demonstra a comunicação intencional. De acordo com Bates (1979):

“A comunicação intencional é um comportamento de sinalização em que o emissor está consciente, a priori, do efeito que o sinal terá em seu ouvinte, e ele persiste nesse comportamento até que o efeito seja obtido ou que o fracasso esteja claramente indicado. A evidência comportamental que nos permite inferir a presença de intenções comunicativas inclui a alterações no contato visual entre o objetivo e os ouvintes desejados, aumentos, adições e substituições de sinais até que o objetivo tenha sido alcançado e mudanças na forma do sinal para padrões abreviados e/ou exagerados que sejam apropriados apenas para o alcance de um objetivo comunicativo” (p.36).

No exemplo acima, C., olha para a mãe, vocaliza, olha para a cozinha, balança os ombros, levanta o corpo e é pega no colo até apontar para o seu objetivo. A mãe pôde compreender o gesto de apontar imperativo porque ele tem um significado compartilhado entre ela e o bebê. Não foi necessário atribuir significado ao sinal convencional porque o gesto é a própria intenção comunicativa. A evidência disto é que o bebê usa o apontar imperativo como um meio para afetar o comportamento da mãe atingindo um objetivo específico. O bebê antecipa a ação do adulto esperando que ela ocorra.

Ao contrário do uso do gesto imperativo, quando a criança realiza o gesto declarativo como uma forma intencional de comunicação ela usa um objeto como meio com a intenção de chamar a atenção da mãe para o seu foco de interesse. A criança não quer atingir nenhum objeto a não ser a atenção da mãe. O objetivo da criança é puramente a interação social.

A primeira fase do desenvolvimento do declarativo envolve todo o repertório de comportamentos motores inatos os quais têm um significado social para a espécie humana. Por exemplo, o sorriso e a preferência dos bebês pequenos para faces e vozes humanas em relação a qualquer outro estímulo visual ou auditivo. Essas interações sócio-afetivas precoces promovem o primeiro passo para a construção da comunicação declarativa, isto é, a interação social como um objetivo. Por volta dos 4 meses, quando o bebê desenvolve habilidades motoras, ele passa a tocar a face do adulto e agarrar seu cabelo e, nessa mesma seqüência exibe pistas sociais como o sorriso e vocalizações. Aos 9 meses, um bebê é capaz de cruzar uma sala para subir no sofá ao encontro da mãe que está sentada. A criança desta idade usa meios como se aproximar, agarrar, manipular, alcançar para atingir contato físico com um adulto. Uma versão mais sofisticada do sistema social de meios-fins é alcançada quando a criança é capaz de atrair propositalmente a atenção do adulto sem que seja necessário estabelecer o contato físico. A criança pode controlar a atenção do adulto somente pela repetição de um comportamento do seu próprio repertório que previamente fez sucesso. Por exemplo, uma menina estando no colo da mãe e bebendo leite, olha ao redor os adultos prestando atenção nela e faz um barulho cômico com a boca. Todos ao redor riem e ela repete esta atividade várias vezes, rindo ao mesmo tempo. Seu comportamento exibicionista demonstra que ela antecipa a ação do adulto, supondo então a compreensão de agência externa.

O próximo passo é usar novos meios para atingir fins familiares. Um instrumento é utilizado como um novo elemento para atrair a atenção do adulto. Enquanto brinca com um objeto, ela estende o braço segurando o brinquedo para mostrá-lo ao adulto. Mais tarde, por volta dos 12 meses, ela insiste em dar o objeto ao adulto como um meio de estabelecer contato e interação. Neste mesmo momento, começa a surgir o gesto declarativo quando a criança pequena aponta para o objeto e olha para o adulto para confirmar. Na verdade, quando a criança

finalmente usa o gesto de apontar para se comunicar com adultos, ela passa por um período de transição peculiar que demonstra como esses dois componentes, dar e apontar, estão se desenvolvendo juntamente. Ela, primeiro se orienta para o evento ou objeto de interesse, estendendo seu braço e o dedo no característico gesto de apontar enquanto pronuncia um som suave de surpresa, *Ha!*, depois ela se vira ao redor, aponta para o adulto com o mesmo gesto e retorna para olhar o objeto e aponta para ele novamente. Essa série de passos – apontar para o objeto, apontar para o adulto, apontar para o objeto – coloca em forma de cadeia os componentes que eventualmente formam o gesto de apontar para um objeto enquanto se vira para o outro para obter confirmação de que ele está atento na própria criança (Bates, 1976).

Esses gestos intencionais iniciais e as vocalizações/ sons convencionais são comunicações pré-simbólicas e são considerados como base para a emergência das primeiras palavras e como procedimentos de transição para a comunicação simbólica. Apesar dessas vocalizações e gestos serem considerados intencionais, eles ainda não apresentam um valor referencial. Um exemplo desta fase do desenvolvimento do símbolo seria uma criança que aponta imperativamente e vocaliza “Mm” ao mesmo tempo, indicando a sua intenção de alcançar um objeto (Bates, 1976).

Em seguida, a produção de uma palavra corresponde ao seu uso como um sinal. Ela se parece com o ato de fala referencial, mas seria um uso mais restrito que nomear. No exemplo, uma criança de catorze meses de idade fala *dá* como parte da atividade de dar, ainda não representa a atividade. O *dá* corresponde a um ato ritual vocal usado quando a criança dá objetos a outras pessoas. Em outro exemplo, Bates (1976) cita uma menina que ao ver um cão passando a sua frente diz “cão”. Segundo a autora, a menina nomeou sua própria atividade e não o referente cão. Neste caso, “cão” ainda não é um símbolo lingüístico.

Finalmente, a palavra com valor referencial ou símbolo lingüístico surge quando a criança a utiliza para descrever um objeto ou um evento em vários contextos diferentes. Por exemplo, aos 12-13 meses, uma criança se expressa através de uma série de onomatopéias para nomear os animais presentes em seus livrinhos e também suas miniaturas, sendo esta uma atividade simbólica que evoca um referente. São atos referenciais chamados de nomeação. A conclusão de

que esses comportamentos constituem verdadeiros atos de referenciação se dá pelo fato de que a criança em questão generaliza essas palavras para reconhecer outros animais que estão fora do contexto da brincadeira. Quando a criança faz o uso de palavras em diferentes contextos, mais ou menos entre 12-18 meses de idade, ela demonstra o processo de descontextualização (Bates, 1979). Isso significa dizer que a criança reconhece o significado das palavras sem que elas sejam ditas num contexto familiar.

Portanto, a emergência das capacidades de compartilhar a atenção e de usar o símbolo permite que as crianças se tornem parceiros ativos na “dança” da comunicação intencional. As conexões afetivas estabelecidas na fase da intersubjetividade primária criam substratos essenciais para que a criança pequena se empenhe nas cenas de atenção conjunta. O desenvolvimento das competências simbólicas do ser humano assume estreita relação com as trocas sócio-afetivas que permeiam as relações recíprocas entre mãe e bebê. A partir das sintonias afetivas que se constituem desde o nascimento é que ocorre todo o desenvolvimento humano, inclusive o aprendizado e crescimento da cultura.

### 2.3

#### **Aspectos afetivos na comunicação intencional**

De acordo com Stern (1992), existem três formas de intersubjetividade fundamentais para o desenvolvimento da capacidade simbólica: a atenção conjunta, a intenção conjunta e o afeto conjunto/ sintonia afetiva. Ao descrever a intenção conjunta, Stern foi influenciado por Bates (1979) que definiu a comunicação intencional como uma conduta sinalizadora na qual o emissor é consciente do efeito que o sinal provocará em quem o escuta. Para Stern, a sintonia afetiva é a forma mais importante da intersubjetividade. Ela é a maneira como as experiências subjetivas são compartilhadas entre os seres humanos. Pode-se supor que todo o processo de desenvolvimento da comunicação afetiva anterior à fase da intersubjetividade secundária é precursor da comunicação intencional. Além disso, para Stern (1992) a sintonia afetiva também está presente e é fundamental para que cenas de atenção conjunta se estabeleçam. Ou seja, a qualidade do afeto/ sentimento estabelecida entre a mãe e a criança é de

fundamental importância para que haja um contexto adequado para o desenvolvimento da capacidade simbólica.

É possível identificar as provas da sintonia afetiva em cenas de atenção conjunta? Stern (1992) tenta demonstrar as evidências da forma intersubjetiva da expressão do afeto através de gravações de vídeos de sessões livres de brincadeiras entre bebê de 9-12 meses e suas mães. Os codificadores mostraram momentos nos quais os bebês realizavam alguma expressão facial afetiva, vocal, gestual ou postural. Depois, avaliaram as respostas observáveis das mães: comentários verbais, imitações (definidas como correspondências na mesma modalidade) e sintonias (definidas como correspondências em diferentes modalidades). As sintonias correspondem às mesmas dimensões de intensidade, sincronia e forma da conduta do bebê em relação ao comportamento da mãe definidas por Trevarthen (2001). A intensidade se subdivide em intensidade absoluta e em curva de intensidade (aceleração e desaceleração). A sincronia se subdivide em compasso (se encontra uma pulsação regular), ritmo (se encontra um padrão de pulsações de intensidades variadas) e duração. A forma é ilustrada, por exemplo, por um movimento para cima- para baixo da cabeça da mãe que acompanha o movimento para cima- para baixo do braço do bebê. O movimento da mãe acompanha o movimento do bebê.

Algumas evidências do estudo dos vídeos realizado por Stern (1992) demonstram que é possível identificar a sintonia afetiva como uma estrutura básica que permeia as cenas de atenção conjunta. O primeiro achado foi que, de todas as respostas das mães, 33% foram comentários verbais, 19% foram imitações exatas da conduta do bebê e, 48% foram considerados sintonias que se sucediam aproximadamente a cada minuto. O segundo achado foi que na maioria das sintonias afetivas foi encontrada mais de uma dimensão de conduta. O terceiro, foi que a curva de intensidade foi a dimensão de correspondência mais freqüente, aparecendo em 97% das sintonias e, a seguinte em freqüência, a dimensão de sincronia que assumiu 76%.

Salientar a importância da sintonia afetiva presente nas conexões intersubjetivas é realçar ou chamar a atenção para os aspectos qualitativos dos comportamentos que acompanham a experiência sócio-afetiva entre duas pessoas. Stern (1992) utilizou o termo afetos de vitalidade para descrever a qualidade do

sentimento de *como* se leva a cabo uma conduta. Os comportamentos, pensamentos, sentimentos e ações apresentam qualidades musicais. Como se ao escutar uma música um sentimento é revelado e acaba por provocar uma expressão corporal de prazer ou desprazer. Os comportamentos não assumem apenas aspectos discretos com tempo certo para começar e acabar. Eles apresentam um contorno temporal que revela e descreve naturezas temporais. Este formato temporal inclui formas como acabando, acelerando, explodindo, esforçando, tentando, etc. Os afetos de vitalidade acompanham todas as experiências. Assim que uma experiência é revelada, por exemplo, quando o bebê vê a mãe sorrindo, ocorre micro mudanças na qualidade e na intensidade da ação e, no sentimento evocado no bebê. Estas mudanças marcam uma linha temporal. O sorriso pode explodir na face da mãe, provocando um sentimento acelerado de prazer e surpresa no bebê. Ou, o sorriso pode ser tão lento que desperta no bebê uma certa cautela (Stern, 1977).

Damásio (2000) chama os afetos de vitalidade de emoções de fundo. Estas emoções podem ser percebidas quando uma pessoa está “tensa”, “irritadiça”, “desanimada”, “entusiasmada”, “abatida”, “animada”. Para detectar esses estados não é preciso que alguma palavra seja expressa, pois como seu conceito já diz, elas são emoções de fundo. No entanto, elas são percebidas por detalhes muito sutis como: postura do corpo, a velocidade e o contorno dos movimentos, mudanças mínimas na quantidade e na velocidade dos movimentos oculares, no grau de contração dos músculos faciais, no tom da voz e na prosódia da fala. Quando se experimenta emoções de formas mais tênues ou mais intensas e percebe-se o próprio estado físico. Esta percepção é chamada de sentimentos de fundo que se originam das emoções de fundo. Os sentimentos de fundo que mais se destacam são: fadiga, energia, excitação, bem-estar, mal-estar, tensão, descontração, arrebatamento, desinteresse, estabilidade, instabilidade, equilíbrio, desequilíbrio, harmonia e discórdia. Os sentimentos de fundo seriam indicadores fiéis do estado interno do organismo.

Os sentimentos temporalmente contornados são evocados ao se observar o comportamento de outrem e, como consequência, eles acompanham o comportamento do observador. Como visto anteriormente, existem diferentes formas de sorrisos que assumem diferentes significados. Os afetos de vitalidade

fornece uma maneira de comunicar os sentimentos que estão além do ato comportamental e, alcançam sentimentos que estão por trás do próprio ato e, desta maneira, permitem o acontecimento da sintonia afetiva.

Para ilustrar a sintonia afetiva e os afetos de vitalidade que a acompanham, observa-se no exemplo a seguir uma menina excitada por um brinquedo na presença da mãe. Ela o alcançava e ao agarrá-lo deixava escapar um “AaaaaAAAAaaah”, um som no qual tem um crescendo e depois um decrescendo de intensidade. A mãe sintoniza com a criança sem imitá-la dizendo “YeeeeEEEEeah”. A vocalização da mãe tem a mesma duração e a mesma forma crescendo-decrescendo, mas é um som diferente. É uma imitação seletiva e não exata da expressão comportamental do estado interno. A sintonia afetiva assim se define. Ela é considerada como uma conexão transmodal de intensidade, sincronia e forma de condutas, baseada em trocas dinâmicas, micromomentâneas, ao longo de um tempo, percebida como padrões de trocas similares entre duas pessoas. A capacidade da criança em reconhecer as correspondências transmodais é a base da percepção da sintonia afetiva (Stern 1977, 1992). Isto capacita a criança a captar a qualidade do estado emocional da mãe permitindo que ela perceba que a mãe compartilha a sua experiência, especialmente a parte afetiva dela. A experiência se torna tanto para a mãe quanto para a criança um “nós” experimentamos e não um “eu” experimentei.

Ao se pensar sobre as conexões intersubjetivas estabelecidas entre a mãe e a criança nas cenas de atenção conjunta, é de fundamental importância levar em consideração a qualidade do afeto que é estabelecida entre os parceiros. Parece que a sintonia afetiva assume uma modalidade comunicativa entre a mãe e o bebê que permite e é a base para o desenvolvimento das situações nas quais ocorre o processo de desenvolvimento simbólico. Stern (1992) discute as possíveis funções da sintonia afetiva ao fazer uma diferença entre os conceitos de comunicação e comunhão. As funções da comunicação incluem imitar, reestruturar a interação, reforçar, ensinar. Estar em comunhão é diferente: é participar, compartilhar sem alterar, manter um elo de conexão. A sintonia afetiva é uma forma de comunhão. As qualidades perceptuais como crescendo, decrescendo, ritmo e ativação traduzem os sentimentos internos da mãe e do bebê. Esta tradução das dimensões das condutas concretas de sincronia, forma e intensidade na interação mãe-bebê

em formas de sentimento constitui um passo significativo no desenvolvimento da capacidade simbólica na criança.

Hobson (1993b, 2002) postula que o bebê humano nasce com a capacidade de ser responsivo e perceptivo às emoções dos outros. Esta capacidade social inata conduz a criança a se orientar não somente para a linha de visão e/ ou para a linha de ação do outro, mas também para as atitudes comportamentais expressadas na conexão afetiva. Por volta do primeiro ano de vida, a criança é capaz de significar a expressão emocional da mãe, correlacionando-a com a situação ou evento e, então a criança reage expressando seu próprio sentimento e ação em relação ao dado evento.

Esta capacidade é denominada referenciação social (Hobson, 1993b) e reflete sinais de que a criança pequena compreende que os objetos e eventos podem ter diferentes significados afetivos para diferentes pessoas. Isto é de grande importância para a capacidade emergente na criança de atribuir diferentes significados para objetos e eventos. Um exemplo disto é a brincadeira de faz-de-conta na qual a criança, por exemplo, usa um pedacinho de madeira para fazer de conta que é um carrinho ou uma vassoura para fingir ser um cavalinho. A brincadeira simbólica enriquece o desenvolvimento da criança, porque ela experimenta outra forma de pensar dando início a sua vida imaginativa. Além disso, a criança amplia suas concepções sobre os objetos, eventos e as pessoas uma vez que desempenha vários papéis sociais ao representar diferentes personagens durante a brincadeira. Isto só se desenvolve quando a criança se conectou afetivamente com um adulto que foi modelo, referência e parceiro social.

Ao percorrer as fases da intersubjetividade primária e secundária, conclui-se que os processos que conduzem ao desenvolvimento da capacidade simbólica e vida imaginativa da criança são permeados de trocas e conexões sócio-afetivas entre ela e a mãe. Desde o nascimento, o bebê é capaz de se envolver social e emocionalmente com o outro. Ele e a mãe se engajam mutuamente nas interações diádicas, através da sintonia afetiva participam nas cenas de atenção conjunta típicas da intersubjetividade secundária dando início à comunicação intencional até alcançar a capacidade simbólica. Logo, a expressão e a comunicação da afetividade entre os parceiros permitem que a criança compreenda que ela tem seu

próprio papel social, sendo ele diferente do da mãe. Este entendimento dá liberdade à criança de usar a linguagem como forma de comunicar seu pensamento, afeto e suas ações.

Quando se discute o caso de crianças que apresentam o transtorno do espectro autista se questiona como ocorrem as fases da intersubjetividade primária e secundária, uma vez que estas etapas são cruciais para o desenvolvimento da capacidade simbólica. Habilidade bastante prejudicada nas crianças com a síndrome do autismo. Para traçar e/ou direcionar condutas clínicas adequadas para crianças autistas é de fundamental importância apresentar e pesquisar como é o engajamento afetivo no autismo infantil.